



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

FLAVIANA SILVA DOS SANTOS

A GATA BORRALHEIRA
DUAS LEITURAS DO CONTO DE FADAS

GUARABIRA – PB
2016

FLAVIANA SILVA DOS SANTOS

**A GATA BORRALHEIRA
DUAS LEITURAS DO CONTO DE FADAS**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA – PB
2016

S237g Santos, Flaviana Silva dos
A Gata borralheira [manuscrito] : duas leituras do Conto de fadas / Flaviana Silva dos Santos. - 2016.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento
de Letras".

1. Literatura Infanto-juvenil. 2. Conto de Fadas 3. Releitura.
I. Título.

21. ed. CDD 809.88

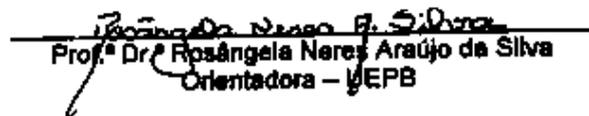
FLAVIANA SILVA DOS SANTOS

**A GATA BORRALHEIRA
DUAS LEITURAS DO CONTO DE FADAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Aprovado em 19 de outubro de 2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araujo da Silva
Orientadora - UEPB


Prof.^a Esp. Alina de Fátima da Silva Araújo
Examinador - UEPB


Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones
Examinador - UEPB

A GATA BORRALHEIRA

DUAS LEITURAS DO CONTO DE FADAS

SANTOS, Flaviana Silva dos¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar duas leituras comparativas do conto de fadas “A Gata Borralheira” (Cinderela), na versão clássica de Charles Perrault e a versão contemporânea de Pedro Bandeira, “Um par de tênis novinho em folha”. Para tanto, partimos das características do gênero literário infantil e o encanto que proporciona à leitura, promovendo o crescimento moral e intelectual do jovem leitor. Como suporte teórico, utilizamos as teorias e os conceitos dos autores Cunha (2003), Cademartori (2006), Hunt (2010), dentre outros. Nossa metodologia se baseia na leitura crítico-analítica dos contos, levando em consideração o contexto do surgimento da literatura infantil, sua recepção na escola e as mudanças instauradas no gênero, na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Conto de fadas. Releitura.

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantojuvenil que vem atuando desde os séculos passados chega a nossa atualidade de forma satisfatória, pois ela vem despertando muitas aprendizagens e os textos mostram um caráter motivacional, aproximando o contexto dos contos clássicos ao da contemporaneidade. Os leitores se envolvem com um mundo mágico e cheio de fantasias, sendo transportados para outras realidades ficcionais, mas mantendo-se em intersecção com temas da realidade em que vivem.

Dessa forma, fica evidente a importância de introduzir a leitura literária, desde a primeira infância, pois ela influenciará no desenvolvimento cognitivo da criança e do jovem. Além disso, ocasionará uma melhor interação com as situações do mundo que a cerca, fazendo com que resolvam de modo mais eficaz os problemas decorrentes da vida adulta.

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: fla.viana.s@hotmail.com

Para Bettelheim:

Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para crianças como nenhuma arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos. (BETTELHEIM, 2015 p.21)

Os contos podem ser grandes aliados ao âmbito educacional, pois o ato de contar histórias deve ser divertido, para que com isso a criança se sinta ligada de forma significativa à leitura. Isso é importante no seu enriquecimento intelectual e no convívio em seu contexto social.

Para utilização da literatura infantil na sala de aula, deve-se levar em consideração o quão é importante para a construção de seu imaginário, promovendo a interação junto ao grupo no qual está inserido e a frutífera troca de experiências. Neste sentido, o professor ganhará uma tarefa de grande importância, pois irá mediar a leitura literária dos aprendizes e a descoberta dessas obras.

Os pequenos leitores, quando eram vistos como adultos em “miniaturas”, não possuíam textos que lhes eram destinados. Só depois de Charles Perrault, vieram as adaptações dos contos de fadas, destinados especificamente às crianças, pois até então eram de conteúdos apenas de interesse dos adultos, de difícil compreensão ao imaginário do público infantil.

O conto de fadas, é um gênero textual intrinsecamente infantojuvenil, podendo se afirmar que é também um dos mais conhecidos e mais aceitos. Isso ocorre sobretudo porque suas características fazem com que as crianças se envolvam na história lida, muitas vezes se identificando com alguma fase de sua vida.

O conto clássico e a sua adaptação aqui trabalhada permanecem na mesma perspectiva, pois esta segunda em nenhum momento perde sua literariedade, podendo ser inserida nos mais variados níveis de leitura. A adaptação insere os personagens e o enredo na sociedade atual, aproximando-se da realidade do leitor.

Do ponto de vista histórico, os livros para as crianças são uma contribuição valiosa para a história social, literária e bibliográfica; do ponto de vista contemporâneo, são vitais para a alfabetização e para cultura, além de

estarem no auge da vanguarda da relação palavra e imagem nas narrativas, em lugar da palavra simplesmente escrita. (HUNT,2010, p.43)

Assim, no tópico a seguir, este artigo mostra a origem e o conceito da literatura infantojuvenil. O terceiro tópico aborda as características dos contos clássicos e suas adaptações. A quarta seção, por sua vez, apresenta duas leituras de A Gata Borralheira ou Cinderela. Por fim, seguem as considerações sobre o tema aqui proposto e as referências bibliográficas utilizadas na pesquisa.

2 ORIGEM E CONCEITO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

A literatura infantojuvenil tem sua origem ainda na antiguidade. Os contos célebres destinados aos leitores podem ser encontrados em diferentes épocas, porém estes contos só foram compilados em coletâneas, na Europa, entre os séculos XVII e XIX.

Neste período, a criança era vista como um adulto em miniatura, e participativa das atividades impostas pelos adultos. No século XVIII, a criança passou a ter uma posição social diferente da do adulto e a burguesia, estabelecendo um novo modelo familiar, impulsionou as características específicas que diferenciou a literatura destinada a ela da dos adultos.

Neste sentido, Cademartori afirma que:

A literatura passou a ser vista como um importante instrumento para tal, e os contos coletados são postos a serviço dessa missão tornando-se didático e adaptados à longa gênese do espírito a partir do pensamento ingênuo até o pensamento adulto, evolução do irracional para o racional. (CADEMARTORI, 2006, p.38 e 39.)

O francês Charles Perrault, no século XVII, conseguiu coletar contos e lendas, da tradição oral, adaptando-os e agrupando-os em coletâneas. Daí, surgiram os contos de fadas como conhecemos hoje. Assim, Charles Perrault ficou conhecido como o pioneiro da literatura infantil, tendo a função de adaptador e adequando as histórias contadas pelos servos, com temas mais populares, ao contexto da sociedade burguesa.

Neste sentido, Cademartori aponta que:

Na base do trabalho de adaptação, está o conceito de que a ingenuidade da mentalidade popular identifica-se com a ingenuidade da mentalidade infantil.

A vocação pedagógica de Perrault é secundária e confusa. Delineia-se com mais propriedade sua relação com o popular, apesar de esta ser, também, contraditória. Mesmo sem total adesão- o que, de fato não poderia ocorrer, pois a classe a que Perrault pertencia, vivia uma inconsciência em relação ao que era realmente popular - ele realizou o que se pode chamar de uma recuperação da cultura popular, procurando reconstruir de maneira mais fiel possível. (CADEMARTORI, 2006, p.39)

Os contos antes de serem coletados eram destinados ao público adulto e continham propósitos moralizantes. Naquela época, havia uma grande tensão entre as classes, a burguesia e o povo. Perrault, sobre influência de sua época, faz com que os contos passem a ser narrativas constituídas de descrições, seguidas de propósitos educativos. Contudo os textos passam a ser direcionados ao público infantil.

Quando se consideram as narrativas coletadas, portanto, é preciso levar em conta dois momentos: o momento do conto folclórico, sem endereçamento a infância, circulando entre adultos, e mais tarde, a adaptação com direcionamento a criança. (CADEMARTORI, 2006, p.40)

No século XIX, os Irmãos Grimm fizeram uma nova coleta dos contos populares, acrescentando-os assim à antologia dos contos de fadas. Ainda neste mesmo século, através de soluções narrativas variadas, tivemos grandes contistas que marcaram definitivamente a literatura infantil.

No Brasil, a história da literatura infantil é mais recente, data do início do século XX, e tem como difusor o escritor Monteiro Lobato e sua obra “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, que possui um compromisso direto com a criança e o jovem. As questões nacionais, a inserção da cultura, do folclore são os diferenciais da obra de Lobato.

A obra de Lobato também teve papel muito relevante no desenvolvimento da leitura na escola. O princípio pedagógico das histórias, em que a criança recebe explicações, possui voz própria e a expõe em interação com os adultos, tornou-se um caminho propício para que os professores pudessem discutir temas relacionados à infância e, assim, criar uma consciência crítica no ambiente escolar.

Segundo Cunha (2003), a informação em comparação com a arte se dá de forma que essa revele o desejo de compreender a própria sociedade, mas produz interpretações denotativas. A arte é a contradição da informação, pois ela não está presa a uma igualdade de interpretação.

Trabalhar com leitura com crianças e jovens e produzir a construção de sentidos não são tarefas simples, pois para fazer com que esses leitores despertem para as interpretações, é essencial a escolha de bons livros. Com o aprimoramento da leitura, logo se tornarão leitores assíduos e exigentes enquanto aquilo que leem.

Desta maneira, Cunha aponta que:

Já que o livro deve “ensinar” coisas, escolhemos para nossos meninos aquele que vai desenvolver determinadas ideias, ou proponha determinadas condutas que nos pareçam as mais adequadas socialmente. (CUNHA, 2003 p.54)

A narrativa para crianças, segundo Cunha (2003, p. 97), é mais receptiva devido a sua estrutura. As personagens planas, o discurso direto, o diálogo ativo e frequente envolvem o leitor mais facilmente na leitura. Uma narrativa para crianças deverá despertar a curiosidade em descobrir um mundo mágico e conectar esse mundo a sua realidade. Assim, os contos podem se tornar grandes aliados do professor, pois se tal recurso for utilizado de forma correta, será de fato um grande estimulador para o desenvolvimento do imaginário pela criança. Isso também acontece porque acredita-se que a criança e o jovem desenvolvem um processo de recriação desse novo mundo captado pela leitura, de acordo com as fases de sua evolução.

Nesta perspectiva, Cunha afirma que:

Sabe-se pela psicologia que a criança passa por uma série de transformações, desde que nasce até entrar na adolescência, transformações essas que estabelecem fases de sua evolução. Para a literatura infantil, têm sido consideradas três dessas fases: a do mito, a do conhecimento e a do pensamento racional. (CUNHA, 2003 p.99)

Além dos contos, na contemporaneidade as histórias em quadrinhos, por sua característica multimodal, podem também se tornar grandes aliadas para o professor, em sala de aula, pois nelas interagem linguagens diversas, a movimentação narrativa, além dos estímulos sensoriais, favorecendo a interação.

Para Cunha (2003, p.102), os estudos sobre os meios de comunicação de massa fizeram surgir diversos trabalhos importantes sobre os quadrinhos. Os estudiosos afirmam a importância das leituras multimodais no contexto da contemporaneidade, apontando a relação entre histórias em quadrinhos e a dinâmica da própria sociedade na qual o leitor se insere.

Portanto, a literatura infantojuvenil não irá apenas despertar o desejo e a satisfação que a leitura promove, mais também contribuirá para acelerar o processo cognitivo de crianças e jovens, fazendo-os mais questionadores. Nessa proposta, o livro e suas adaptações são, sem dúvidas, veículos importantes.

3 O CONTO DE FADAS CLÁSSICO E AS ADAPTAÇÕES

Os contos de fadas são de origem céltica, com narrativas contadas pelo povo, e inicialmente pouco voltadas para as crianças. Com as coletâneas, os contos de fadas adequaram-se à infância e refletiram a vida do cotidiano da burguesia. Isso proporcionou à criança uma maior identificação com a sociedade, contribuindo para sua formação como leitora e cidadã.

Para Bettelheim:

O conto de fadas a esclarece sobre si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece tantos níveis distintos de significado e enriquece a sua existência de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à profusão e diversidade das contribuições dadas por esses contos à vida da criança. (BETTELHEIM, 2015 p.20)

As primeiras coletâneas, como já vimos, datam do século XVII, e a partir dessa data, foram muitas as modificações pelas quais a narrativa passou, produzindo versões diferenciadas das mesmas histórias e caracterizando seus adaptadores ao longo do tempo.

Neste sentido, Cademartori afirma que:

A literatura infantil tem como parâmetros contos consagrados pelo público mirim de diferentes épocas que, por terem vencido tantos testes de recepção, fornecem aos pôsteres referências a respeito da constituição da tônica literária do texto destinado a criança. (CADEMARTORI, 2006, p.33)

Os contos na atualidade mesmo sofrendo várias mudanças espaciais, caracterização dos personagens, tempo e estrutura, não perderão sua essência, aperfeiçoando as formas narrativas e os modos de contar as histórias clássicas. Essas adaptações produziram uma nova construção de sentidos, em que a criança passa a compreender a diversidade de situações da vida, ou seja, que há dias que são muitos bons, mas que o contraste disso são os dias ruins. Tudo isso faz com

que associe essa diversidade a uma determinada parcela de sua vida, auxiliando-a na compreensão de conflitos.

Nesta perspectiva, Hunt mostra que:

A literatura infantil, como objeto de estudo sério, mas não solene, brotou de um universo profissional extremamente eclético e comprometido, que tende a ser muito intuitivo e dedicado, mas não raro anti-intelectualizado. Tal como os avanços do pensamento crítico podem ser, e têm sido, adaptados para uso além da fortaleza acadêmica, assim também os que trabalham com livros poderiam se beneficiar de critérios para discernir o que está acontecendo nos textos ou com os textos. (HUNT, 2010, p.28)

A contemporaneidade dos contos de fadas se dá de forma que, apesar do tempo passado, os contos são muito atuais e isso faz com que eles surpreendam sempre seu público e perpassem os séculos com ganhos significativos em sua estrutura. Carvalho (2014, p. 25) aponta que o trabalho de adaptação esteve presente desde o surgimento dos contos de fadas. As coletâneas de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm já podem ser consideradas como adaptações da tradição oral. Os acréscimos e adequações realizados pelos autores contribuíram para a manutenção e reelaboração da estrutura narrativa, e produziram um conjunto fantástico e imaginário de texto que, mais tarde, foram agrupados ao gênero literário.

Desta forma Bettelheim afirma que:

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas somente se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade. Estas estórias prometem à criança que, se ela ousar se engajar nesta busca atemorizante, os poderes benevolentes virão em sua ajuda, e ela o conseguirá. (BETTELHEIM, 2015, p.32)

Em função disso, podemos salientar a grande importância dos contos, tanto os clássicos quanto suas adaptações. A força que a narrativa infantil assumiu ao longo dos anos, a quantidade de estudos realizados na área, a correlação com outras ciências que trabalham conceitos e comportamentos da infância, e o surgimento de escritores específicos nesta ficção, ou seja, aqueles que dedicam a escrever somente para as crianças e os jovens, fizeram com que a literatura

infantojuvenil se tornasse autônoma e reconhecida como uma arte cuja estética está diretamente comprometida com esse público.

Conforme Bettelheim:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades; e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2015, p.13)

Assim, para que a narrativa infantojuvenil possa desempenhar as funções a que se propõe é necessário, de acordo com Cunha (2003, p. 99), verificar as fases cognitivas para sua leitura. Na fase do mito, por exemplo, encontramos as crianças de que estão entre os 3 a 8 anos. Nessa fase, predominam as leituras que agrupam a fantasia e o animismo, a exemplo dos contos de fadas, lendas e fábulas, pois para elas ainda é difícil diferenciar a realidade da fantasia.

Na segunda fase, que ocorre entre os 7 aos 12 anos, estamos no conhecimento da realidade. Nela, a criança sente então maior necessidade de ação, já que agora passa de um plano contemplativo para um plano executivo. Interessa-se pela experiência das pessoas, pela ciência, busca um herói e quer empreender esforços pessoais para vencer obstáculos. Nesta fase, as histórias mitológicas, o relato histórico e as novelas despertam o seu interesse.

Na terceira fase, que compreende dos 12 anos até a adolescência, o leitor encontra-se na fase do pensamento racional, e agora é capaz de desvendar noções mais abstratas. Preocupa-se consigo, com seus sentimentos e com as mudanças pelas quais passa. O romance e as histórias de superação, as adaptações livrescas para a adolescência são leituras que despertam a atenção nesta fase.

Contudo, Cunha (2003, p. 103) aponta que essas fases são somente uma forma pedagógica de subdividir leituras e que cada criança terá sua dinâmica desenvolvida em contato com outros fatores comportamentais durante a infância.

Nesses termos, as adaptações dos contos de fadas a exemplo da que analisamos neste trabalho podem perpassar diversas fases dessa evolução cognitiva. “Um par de tênis novinho em folha” coloca a Cinderela, de Charles Perrault, da fase do mito para as demais fases abordadas por Cunha (2003, p. 99),

desenvolvendo a mesma temática, mas transportando a ação e os conflitos para os dias atuais, como veremos na seção a seguir.

4 DUAS LEITURAS DE “A GATA BORRALHEIRA”

O conto de fadas “Cinderela”, de Charles Perrault, foi publicado em 1697. Era baseado em um conto popular italiano intitulado “A Gata Borralheira”, e obteve várias versões antes e depois da reescrita por Perrault. Os Irmãos Grimm também adaptaram o conto e decidiram manter o título original para diferencia-lo da versão do autor francês. Na versão dos Grimm, entretanto, não há a presença da fada madrinha.

A maioria das adaptações, segundo Hunt (2010, p. 74), sejam livrescas ou fílmicas, tomam como ponto de partida a versão de Perrault, primeiramente pela permanência dos elementos que caracterizam o conto de fadas tradicional e, depois, por motivos pedagógicos. É importante atentarmos que algumas coletâneas não distinguem os títulos, atribuindo a Charles Perrault a autoria de “A Gata Borralheira”, mesmo que ao longo dos anos e com as adaptações dos Irmãos Grimm, a obra de Perrault tenha recebido somente o nome da protagonista como título.

Assim, Cinderela era uma jovem cujo pai fica viúvo e se casa novamente. Sua madrasta, mulher muito arrogante e interesseira, que já tinha duas filhas, abomina a moça e faz dela a sua criada. Como a jovem ficava sempre entre as cinzas do borralho, era sempre chamada pela madrasta e suas filhas de Gata Borralheira, “aquela que vive entre as cinzas”.

Cinderela era uma jovem de qualidades inigualáveis, linda e bondosa, além de muito querida por seu pai. Enciumada, a madrasta e suas filhas a detestavam. Certo dia, o filho do Rei promoveu um grande baile e convidou todas as moças das regiões vizinhas. As irmãs postiças de Cinderela também foram convidadas. Quando o dia do baile finalmente chegou, elas impuseram à irmã mais serviços e a proibiram de ir ao baile (PERRAULT, 2012 p.43).

Muito triste, a moça corre para a floresta e encontra uma senhora que pede ajuda. Cinderela a auxilia e ela pergunta: “Tu querias ir ao baile, não é? – É verdade - respondeu Cinderela, soluçando”. (PERRAULT, 2012 p.43). A fada madrinha então solicita que ela lhe traga alguns objetos. Sem questionar, Cinderela logo vai à procura dos objetos e, para sua surpresa, cada um dos objetos que ela conseguiu foi

transformado em outra coisa. A abobora em carruagem, os camundongos em cavalos, as ratazanas em cocheiros, os lagartos em lacaios. E por fim, a bela jovem em uma verdadeira princesa, com vestes preciosas.

Sua madrinha não fez senão tocá-la com a vara de condão. Na mesma hora, suas pobres roupas viraram um vestido recamado de ouro e prata, todo bordado de pedrarias. Em seguida a madrinha deu-lhe um par de sapatinhos de cristal, os mais bonitinhos do mundo. Assim vestida, ela tomou a carruagem, mas sua madrinha tinha ainda uma recomendação a fazer-lhe: - Não passe da meia noite de modo nenhum. (PERRAULT, 2012 p.45)

No entanto, como era de se esperar, toda a magia tinha uma condição e recomendou que Cinderela retornasse antes da meia-noite. Mas a jovem estava tão alegre que mal atentou para as instruções da fada madrinha. Ao chegar ao baile todas as atenções se voltaram para a bela jovem desconhecida, e sua beleza chamou a atenção do príncipe e de todos que se faziam presente na cerimônia: “O filho do Rei deu-lhe o lugar mais honroso da festa e, em seguida, convidou-a a dançar. Ela dançou com tanta graça que a admiraram mais ainda”. (PERRAULT, 2012 p.46).

A felicidade de Cinderela era tanta que não viu as horas passarem, somente atentando para a recomendação da madrinha quando o relógio bateu meia-noite. Então, despediu-se e saiu o mais rápido possível do baile. Ao chegar em casa, foi logo a procura da sua madrinha, agradeceu e ela a advertiu que estivesse presente no dia seguinte novamente no baile, pois o príncipe a havia convidado, e que não contasse nada a ninguém.

No segundo dia do baile, Cinderela usou um vestido ainda mais bonito do que o primeiro e o príncipe não saiu se quer um instante de perto dela. Ao seu ouvido o jovem falava palavras muito bonitas. As horas se passaram tão depressa que ela novamente esqueceu do que sua fada madrinha havia lhe recomendado e, ao badalar da meia-noite, levantou-se e correu para as escadarias do castelo.

Ao chegar em casa, a bela jovem já estava desprovida de todas as coisas que a tornavam mais bela, possuía apenas um dos sapatos. Na saída do baile o príncipe questionou aos guardas se eles não teriam visto a jovem sair e encontrou um dos sapatinhos de cristal, na escadaria. Eles responderam apenas que teria saído uma moça muito mal vestida para ser uma princesa. O jovem príncipe passou o resto da noite a contemplar um dos sapatos que encontrara.

Alguns dias se passaram, e o filho do Rei anunciou que faria uma busca em todos os reinos e que a senhorita cujo pezinho coubesse no sapato, seria a moça com quem ele se casaria. Todas as moças da realeza tiveram a oportunidade de provar o belíssimo sapatinho, mas tais tentativas foram inúteis. Quando finalmente chegou na casa da Gata borralheira, suas irmãs fizeram de tudo para que o sapato coubesse em seus pés, sem sucesso. Quando já estava de saída, o príncipe ouviu uma jovem cantar e solicitou que ela também calçasse o sapatinho. A madrasta e as irmãs resistiram, mas o príncipe insistiu e assim reencontrou a sua amada.

Fez Cinderela sentar-se e, aproximando o sapatinho de seu pequeno pé, viu que ele entrava sem esforço e se ajustava às mil maravilhas. O espanto das duas irmãs foi grande, mas tornou-se maior ainda quando Cinderela tirou do bolso do avental o outro sapatinho, que calçou no outro pé. Nesse momento, chegou a Fada que, tendo dado um pequeno golpe de varina sobre as roupas de Cinderela, tornou-as, na mesma hora, mais magníficas que todas as outras. (PERRAULT, 2012 p.48).

A Cinderela de Charles Perrault apresenta características bem específicas dos contos de fadas tradicionais: os personagens, a realeza, o baile, o conflito com a madrasta e as irmãs, a fada madrinha e o príncipe. A magia é uma condição de dádiva para a princesa, por sua dedicação e bondade. Através dela, a princesa tem seus desejos concedidos. Por outro lado, ao desobedecer uma recomendação, recebe também um castigo. Este enredo adequa-se à sociedade burguesa, em que recompensas eram recebidas por quem seguisse os padrões pré-determinados.

Para Bettelheim:

A criança intuitivamente compreende que, embora estas histórias sejam irreais, não são falsas; que ao mesmo tempo em que os fatos narrados não acontecem na vida real, podem ocorrer como uma experiência interna e de desenvolvimento pessoal; que os contos de fadas retratam de forma imaginária e simbólica os passos essenciais do crescimento e da aquisição de uma existência independente. (BETTELHEIM, 1979, p.90)

Logo, as crianças tendem a compreender parte da experiência dos personagens do conto como sendo suas experiências, e que a vida irá recompensá-las, de acordo com as ações que desempenham. Cinderela, ao superar as adversidades que a ela são impostas, como a perda da mãe, o novo casamento do pai, a vinda da madrasta e de suas meias-irmãs, faz com que o leitor compreenda que as adversidades são também passageiras e que, ao supera-las, o final feliz está garantido.

Sobre esse aspecto, vale ressaltar o que Cunha (2003, p.99) afirma:

Essas histórias interessantes devem ter desfecho feliz. Esse é um requisito essencial sobretudo para as crianças mais novas. Se o adulto é capaz de ler um livro ou ver um filme que acabe mal, sem deixar de apreciar o livro ou o filme, pelo aspecto puramente artístico, ou pela realidade da vida neles apresentada, tal condição não se pode esperar da criança. Normalmente ela vive a história, identifica-se com a personagem simpática, e o final desagradável a feriria inutilmente.

Assim sendo, grande parte das narrativas infantis tem seu final feliz, culminando com a recompensa pelo enfrentamento das adversidades. Segundo Bettelheim:

Os anos de Cinderela entre as cinzas mostram a criança que ninguém pode escapar disso. Há épocas em que parece que existem apenas forças hostis, que não há nenhuma força adjuvante por perto. Se a criança a quem é narrada a história de Cinderela não tivesse se apercebido de que esta teve de suportar uma extensão considerável de tais períodos ruins, o alívio da heroína seria incompleto quando finalmente as forças adjuvantes superassem as hostis. O sofrimento da criança em certos momentos é tão profundo que parece durar um tempo bastante longo. Por conseguinte, nenhum período passageiro na vida de Cinderela pareceria comparável a esse. Cinderela deve sofrer tanto e por tanto tempo quanto a criança acredita sofrer, para que a sua libertação tenha poder de convencimento e dê aquela a certeza de que o mesmo ocorrerá em sua vida. (BETTELHEIM, 2015, p.353-356).

Na versão de Pedro Bandeira, intitulada “Um par de tênis novinho em folha”, e um dos contos presentes na coletânea “As Sete Faces do Conto de Fadas”, publicada em 1993, a Cinderela ganha uma narrativa mais moderna e atual. As ações da história são deslocadas para a periferia de uma cidade urbana. Caroline é uma jovem que representa muita coragem, gosta e precisa trabalhar, é persistente e não deixa que os problemas do cotidiano venham tirar dela a doçura, a bondade e os sonhos de uma vida melhor.

Juntamente com a amiga Simone, trabalham em fábricas vizinhas, estudam juntas e moram na mesma rua. São amigas desde a infância e vivem uma vida bastante corrida, pois nenhuma delas tem posses. Simone tem Caroline como uma irmã mais nova.

Caroline e Simone moravam na periferia, no mesmo bairro distante, na mesma quadra, e eram cara-e-coroa desde a infância. Aos dezesseis anos, quando ambas precisaram começar a trabalhar, tinham procurado e conseguido emprego em fábricas vizinhas, e assim podiam ir e voltar do

trabalho sempre juntas, estudava à noite também no mesmo colégio e na mesma classe e iam direto para as aulas, depois do trabalho, sem tempo nem mesmo para jantar. Desciam no ponto final do ônibus e andavam uma boa meia hora antes de chegar no colégio. (BANDEIRA, 1993, p.14)

Certo dia ambas são convidadas para irem em uma festa que acontecerá na casa de Marilu, “a menina mais rica do bairro”. Ao receber o convite ambas ficam muito felizes, mas logo percebem que talvez não seja possível. Simone havia combinado de, no sábado da festa, encontrar seu namorado Márcio. Logo, Caroline não tinham com quem ir, e como possuía uma madrasta muita má a qual chamava de “bruxa”, provavelmente seria impedida de ir sozinha.

Caroline fica triste com sua realidade, porque ir aquela festa era tudo para ela. Então, um dia depois do convite, Simone surpreende a amiga:

No dia seguinte, Simone trazia um estranho sorriso, quando as duas se encontraram no ponto de ônibus. – o que você está escondendo, Simone? – perguntou Caroline. A amiga continuou calada, misteriosa, saboreando a revelação. Só quando o ônibus já tinha andado várias quadras, e as duas já tinham sacolejado bastante, agarradas aos balaústres, Simone falou, como que procura um assunto a esmo: - Como é? Já pediu alvará para ir a festa da Marilu? – Eu, nem pensar! Meu pai até deixaria, mas aquela bruxa da minha madrasta nun... – Você vai a festa, Caroline! - interrompeu Simone. - eu falei com meus pais. Daqui a pouco, minha mãe vai a sua casa convidar seu pai e sua madrasta para jogar cartas no sábado. Estão convidados para chegar lá de tarde. Meu pai garante que segura os dois até a noite. Vai até comprar cerveja. Você está livre, menina! (BANDEIRA, 1993, p.18)

Depois de Simone contar o seu plano à amiga, a mesma não se conteve de alegrias e agradeceu por sua generosidade. Porém, Simone tinha uma recomendação: “- Mas trate de voltar antes de meia noite. Meu pessoal não garante segurar seu pai e sua madrasta até muito mais tarde.” (BANDEIRA, 1993, p.18).

Entretanto, na cabeça de Caroline, apenas parte do problema estava resolvido. pois precisava de uma roupa bonita e um sapato novo para ir à festa. O dinheiro que ganhava no trabalho mal dava para se manter durante o mês. Daí, Simone emprestou-lhe um “jeans novinho” e sua mãe uma blusa de “seda rosa”, que lhe caíam muito bem. Mas nem mesmo essas coisas todas a animaram, porque ainda faltavam-lhe os sapatos. Então, Simone que trabalhava em uma fábrica de sapatos, conseguiu “um par de tênis novinha em folha” para sua amiga, omitindo os artifícios que precisou fazer para conseguir realizar o desejo da amiga de ir à festa:

“Não. Simone não havia roubado aquele par de tênis novinho em folha. Mas também não os havia comprado.” (BANDEIRA, 1993, p.20).

Simone só trabalhava naquele emprego, seu primeiro emprego há quatro meses, mas conhecia o encarregado muito bem. Afastou o corpinho um pouco, fugindo ao contato da coxa de Xavier. – o que é isso bonequinha? Parece uma gatinha arisca! Você sabe que, se eu quiser, ninguém vai descontar nada de você. Ora, vamos! Um beijinho só... E aproximou aquela boca asquerosa, exibindo um sorriso cariado. Simone recuou, caiu sentada e encarou o encarregado: - está bem. Mas quero uma coisa. O nojento do Xavier conseguiu o seu beijo, mas Caroline ganhara um par de tênis novinho em folha. (BANDEIRA, 1993, p.21).

Assim, no dia tão esperado, maquiagem feita, roupa vestida e tênis calçado, Caroline vai a tão sonhada festa. Mais uma vez, Simone recomenda-lhe o horário, mas ao chegar na festa a beleza da moça chamou atenção de todos que ali se faziam presente, até mesmo daqueles que nunca haviam percebido ela. E logo o sonho de Caroline se tornou realidade, conhecer um príncipe que fosse rico e que não se importasse com sua condição de vida.

Lá estava ele. Lindo como um desenho. Desses que a gente acha que só um artista pode criar com seus pinceis. Caroline ficou hipnotizada, do outro lado do sala, olhando para aquele rosto examinado as roupas caras, os tênis importados, a camisa aberta no peito o sorriso iluminando a festa. Ao mesmo tempo, como se fossem os pólos opostos de dois ímãs, seus olhares encontraram-se e ele também a percebera. E ele também parecia fixar-se no rosto jovem, lindo, delicado de Caroline. (BANDEIRA, 1993, p.22-23).

Neste momento, a jovem sonhadora teve a certeza de que sempre esteve certa, havia um príncipe reservado para ela: “A noite inteira. Ele e ela. Caroline e o seu achado. Alguém que ela sempre esperara, que ela sabia que viria e que, finalmente, apareceu, como se brotado de seus próprios sonhos.” (BANDEIRA, 1993, p.23-24).

Tudo estava maravilhoso se não fosse por Caroline esquecer do horário. Despediu-se, então, com um breve beijo, e saiu correndo. O rapaz decidiu ir atrás dela e percebeu que na pressa, ela havia deixado um de seus tênis para trás. Ele tenta alcançá-la, sem sucesso. No dia seguinte, foi o dia de contar para a amiga tudo o que havia acontecido e agradecê-la:

- Ai menina, você não imagina, não imagina, não imagina! O que eu sempre sonhei! Um garoto dos sonhos. Uma perfeição. Eu sabia que um dia ele

haveria de aparecer. Eu sabia, eu sabia, eu sabia! eu não lhe disse? Eu tenho nome de princesa. Pelo menos por um momento eu estive nos braços do meu príncipe encantado! Ele é lindo, lindo! Só mesmo um garoto rico como ele poderia ser tão bem-tratado, tão lindo assim. (BANDEIRA,1993, p.25)

Caroline sempre sonhou com um príncipe, com um casamento e uma vida melhor. Após conversar com Simone, vivia uma indecisão, pois não sabia se estava realmente feliz ou se estava triste. Ao mesmo tempo em que ela teve a oportunidade de conhecer seu príncipe, ela ao menos teve a chance de saber como ele se chamava.

-Ai, Simone, eu não sei se estou contente ou se estou triste! Foram as horas mais gostosas da minha vida, foi um sonho que se realizou. Mas... e agora? Eu tive que fugir. Já era meia-noite. Nem sei o nome dele, nem onde ele mora, não sei nada. E ele não sabe nada de mim. Talvez seja melhor assim. O que ele iria pensar se soubesse que eu sou tão pobre? O que um garoto rico como ele, que tem de tudo, ia querer com uma garota pobre como eu? - Ora, Caroline, você não deve pensar que... - Não Simone. Chega de sonho. Eu vivi meu sonho lindo, mas está na hora de pôr os pés no chão. Ele não é para mim... (BANDEIRA,1993, p.26)

Porém, naquela mesma noite, Simone retorna com boas notícias: “- Tem um rapaz que passou o dia andando pelo bairro inteiro, com um tênis na mão, perguntando a todo mundo de quem era...” (BANDEIRA,1993, p.26).

E foi assim que Caroline reencontrou seu “príncipe” e ouviu sua revelação:

- Caroline. Ouça. Eu não tenho nada que lhe possa oferecer. Sou pobre demais. Só fui aquela festa ontem porque um amigo me emprestou as roupas... Tudo que eu posso dizer a você é que eu tenho vontade. Que eu não me entrego facilmente. No momento, eu só tenho um emprego de office-boy numa firma de contabilidade... Estou falando isso tudo nem sei por quê. É que eu tenho de fazer com que você me aceite como eu sou. Juntos, eu sei que nós seremos mais, muito mais... (BANDEIRA,1993, p.27-28).

Em meio a pensamentos confusos, Caroline decide então aceita-lo como é:

Caroline olhou-o profundamente dentro dos olhos, procurando enxergar-lhe a alma, o interior, queria ver entranhado nele todo carinho que ela sentia por ele, naquele momento, e para sempre... sorriu, enlaçou-lhe a cintura e puxou-o para ela:

- Meu príncipe encantado! (BANDEIRA,1993, p.27-28).

Na versão de Pedro Bandeira, muitos elementos do conto tradicional também são observados. A estrutura formal é linear, as ações são encadeadas e contínuas

promovendo a dinâmica da narrativa, há muitos diálogos, os personagens se aproximam e o tema principal da história é mantido. As situações, entretanto, são novas, as formas de se chegar ao conflito também, mas o que mais marca o deslocamento para a contemporaneidade é a linguagem, as marcas temporais (as roupas, os jeans, os tênis, o ônibus) e as questões sociais.

Estas mostram como o conto de fadas está presente na atualidade, em que as moças ainda desejam encontrar o príncipe encantado e terem uma boa condição de vida através do casamento, questões rompidas pelo final feliz não convencional que demarca a característica de valorização do caráter e os esforços empreendidos pela recompensa e por merecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto de fadas pode sofrer modificações, em decorrência das adaptações ao longo do tempo. As adaptações atuam na estrutura dos contos, atualizando a linguagem, o espaço e o tempo, mas mantêm a mesma temática do conto tradicional. A leitura de contos clássicos e suas adaptações estabelecem um elo entre o leitor e a literatura, fazendo-o interagir com o mundo da ficção, e é a partir do conhecimento prévio do leitor para com o texto original, que o mesmo irá dialogar com as adaptações e as releituras.

Com essa proposta, nosso trabalho teve como objetivo mostrar como a literatura infantojuvenil chegou até os dias atuais com tanto vigor, despertando o interesse do público por relacionar os temas universais ao contexto da contemporaneidade. Vimos que as adaptações do contos clássicos, neste caso uma versão de Cinderela de Charles Perrault, não perdeu sua essência no conto contemporâneo de Pedro Bandeira, e perpassou as barreiras do tempo preservando as características intrínsecas ao texto infantojuvenil.

Nesse viés, a literatura infantil pode ser vista como um veículo onde os sonhos e a realidade se encontram, pois a imaginação desempenha um papel de extrema importância no cotidiano do leitor. Através de seus pensamentos provenientes de suas leituras, ela poderá experimentar esse mundo e aprender assim a conviver com seus desejos e as situações de sua realidade.

A literatura infantil possui em si gêneros específicos: a narrativa para escola, textos dirigidos a cada um dos sexos, propaganda religiosa e social, fantasia, o conto popular e o conto de fadas, interpretações de mito e lenda, o livro ilustrado (em oposição ao livro com ilustração) e o texto de multimídias. O reconto de mitos e lendas é pouquíssimo lembrado fora do universo da literatura infantil. (HUNT, 2010, p.44)

Além disso, a história da “Cinderela”, tanto no clássico como no contemporâneo, percorre a atualidade pois através dela pode perceber-se que os sentimentos verdadeiros e as atitudes nobres estão acima de qualquer coisa e superam as adversidades.

Dessa maneira, se os contos estiverem presentes desde cedo na vida da criança e do jovem, eles auxiliarão no processo cognitivo e emocional desses leitores. Eles saberão que as leituras desses contos vão levar a experiências prazerosas, além de contribuírem para sua formação como um ser humano mais crítico.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Pedro. Um par de tênis novinho em folha. In: KUPSTAS, Márcia (Org.). **Sete Faces do conto de fadas**. São Paulo: Moderna, 1993.
- BETTELHEIM; Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires. **A adaptação literária para crianças e jovens**. Teresina: EDUFPI, 2014.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 2003.
- HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- PERRAULT, Charles. **Contos**. São Paulo: Ática Editora, 2012.